

**Que-
re-**



la

**Liz
Craft**

Curadoria de Bruno Marchand

Era Junho de 2016 e, contrariando todas as expectativas, chovia torrencialmente em Basileia. Eu e o Marc Nagtzaam saíamos juntos do centro de exposições de Messeplatz para apanharmos a abertura da Liste Art Fair quando dei de caras com o Pedro Paiva. Não nos víamos desde finais de 2014, altura em que lhe havia dito que me ia mudar para Genebra. “Acho difícil poderes escolher cidade mais aborrecida para viver”, disse-me. Não estava muito longe da verdade, é certo, mas uma das razões pelas quais a perspectiva de viver na Suíça me tinha entusiasmado era a certeza de que, a pouco mais de duas horas de avião, estava um contexto absolutamente oposto àquele em que sempre tinha vivido. Não era apenas uma língua, uma cultura e um conjunto de tradições distintos que ia encontrar: era toda uma outra forma de encarar o mundo, a ideia de nação, a vida em comunidade e o lugar e o papel que se espera que cada cidadão nela desempenhe. E eis que ali estávamos nós, um ano e meio depois, debaixo dum céu plúmbeo, frente à entrada da Basel Art Fair, com um perfeito exemplo desse contraste em mãos: “O João? Está lá dentro sozinho a montar a peça... Não, não me deixam entrar porque estou cá com a minha filha e durante os dias de montagem nenhuma criança pode entrar no recinto... Nem crianças, nem grávidas!” Trocámos aquele olhar entre o incrédulo e o condescendente que só dois europeus do sul, *demasiado* livres, *demasiado* espontâneos, poderiam nesta situação trocar. Quando o deixei, não tive dúvidas que ele iria continuar a tentar encontrar um acesso menos vigiado para poder entrar e imaginei que ele soubesse que eu também me afastava a magimar de que forma o poderia eu ajudar a prevaricar.

Durante os oitocentos metros que distam entre a Messeplatz e a antiga unidade fabril onde se instalou a Liste, o Marc comentava como esta tinha sido, em meados da década de 1990, o balão de ensaio para toda a geração de galeristas que são hoje conotados com o poder e o estrelato: Air de Paris, Eva Pressenhuber, Maureen Paley, Zeno X, David Zwirner... Não que isso nos enchesse de entusiasmo, mas sempre prometia algo menos asséptico, menos expectável e menos ostensivamente sobre dinheiro do que aquilo que se encontrava dentro do irrepreensível centro de exposições de Messeplatz. Decidimos começar pelos pisos superiores. Quanto mais descíamos mais claro ficava, contudo, que a cutting-edgeness que

a Liste um dia possa ter tido, há muito desapareceu. E se isso era evidente nas escolhas prudentes e seguras que a maioria dos stands apresentava, era ainda mais gritante no facto de a audiência que se acotovelava pelos nichos daquela antiga fábrica ser precisamente a mesma que flanava, mais à larga, nos corredores da Art Basel. Há muito que o “mercado” percebeu que o “valor” e a “oportunidade” estão nestes lugares menos centrais, menos evidentes; e o capital, já se sabe, é como a água: procura sempre a via mais directa e vantajosa para circular. De maneiras que quanto mais avançávamos, menos esperança tínhamos de encontrar algo que pudesse contrariar o generalizado clima de ansiedade financeira e propostas bem-comportadas que dominava a feira. Exactamente quando me preparava para sair, e pressentindo ter perdido o Marc por instantes, virei-me para o encontrar a espreitar para dentro de uma entrada de madeira, uma espécie de portal que dava para a escada em caracol mais estreita com que já me deparei. Por entre os degraus vazados podia entrever-se algo instalado nas paredes do piso inferior e nenhum de nós hesitou em descer. A meio do caminho tivemos de negociar a passagem com um casal visivelmente divertido, mas nada nos preparou para a visão que tivemos ao finalmente chegar à cave. No centro geométrico de uma sala suja e com sinais evidentes de salitre, encontrava-se *Me Princess* – uma figura em bronze pintado, representando uma mulher nua em tamanho real, toscamente modelada e pintada num inverosímil tom rosado. Sentada de pernas abertas, as manchas encarnadas com que lhe haviam sido coloridos o sexo, os mamilos e a boca, esborratados como uma maquilhagem que correu mal, eram os motores do choque inicial do nosso encontro. Contudo, passado esse momento inicial, o que de verdadeiramente perturbador esta figura apresentava era o olhar esgazeado, como que denunciando uma loucura latente, uma esquizofrenia mal domesticada, prestes a rebentar. Para completar a situação, uma tiara adornava-lhe a cabeça a deixar inequívoca a infantilização daquela figura-mulher, o contraste entre o seu corpo já vencido pela gravidade e os seus sonhos de criança perfeitamente intactos. Nas paredes que a circundavam tinham sido instaladas esculturas em forma de balões de fala, as suas superfícies recobertas de azulejos sobre os quais apareciam bocas, algumas das quais na vertical, o que ora fazia delas

imagens mudas de discursos em potência, ora sugestões de vaginas sem corpo, o esvaziamento absoluto do desejo. Liz Craft, disse o Marc, o nome da artista é Liz Craft, “best thing we’ve seen, by far.”

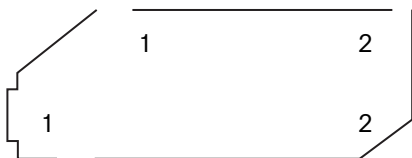
Fastforward para 2018. A ZDB vem de uma longa sequência de exposições cujo enfoque reforçou um programa assente no acompanhamento de um leque significativo de práticas ligadas à experimentação e a universos investidos no exercício de uma certa transcendência, sem esquecer movimentos políticos e associativos que, de algum modo, usaram a expressão visual como meio e instrumento para as suas reivindicações e para a construção de identidades colectivas. Há já muito tempo, contudo, que estes espaços não recebiam uma exposição individual de um artista estrangeiro. Há mais tempo ainda que estes espaços não recebiam uma exposição individual de um artista que não fosse um homem. Talvez também por isso, quando falei da Liz ao Natxo, ele reagiu entusiasticamente. *Absolutamente! Já há muito tempo que devíamos ter interrompido este jejum de artistas de fora. Essa Liz é aquela dos painéis tipo monocromáticos, não é?* Não era. Supus que o Natxo estaria a pensar na Liz Deschenes e apressei-me a dizer-lhe que a Liz Craft é completamente diferente, que nasceu e estudou em Los Angeles, na outra costa dos Estados Unidos, o que, pelo menos em parte, pode justificar o facto do seu trabalho ser muito menos analítico e muito mais instintivo e experiencial. *Ok, ok... Mas então o que é que ela faz, exactamente?* Faz sobretudo esculturas, coisas assumidamente contaminadas pela cultura popular, da BD ao cinema fantástico, do *gore* ao *kitsch*, passando por uma espécie de psicadelismo velado, pela utilização do calão, da obscenidade corrente e da linguagem vernacular e urbana. Não quis interromper o meu retrato oral sem notar que tudo o que acabara de dizer aparecia no seu trabalho temperado não só por uma atenção particular à vertente mais obscura do imaginário infantil, pelo *slapstick humor* e por uma ironia generalizada, mas também por um conjunto de respostas subtilezas ao moralismo contemporâneo e por uma postura diletante que deixava tudo o que até então eu tinha dito bem menos sério e grave.

Estava a pensar que era algo mais para o abstracto... Não, bem pelo contrário. Muitas das peças da Liz são contundentemente figurativas e explícitas, seja para o lado delirante, seja para o lado

escatológico do assunto. Por exemplo, uma das esculturas mais conhecidas dela é um pônei unicórnio em alumínio escovado, cuja cauda se liquefaz nas mãos de um esqueleto que usa cartola e que parece estar concentradíssimo a fazer-lhe uma permanente. Outra é um super-pénis em bronze que ejacula uma rede de pesca onde ficaram presos detritos que tanto podiam ter dado à costa, como ter sido deixados num canto sombrio de uma metrópole qualquer. Lixo! Lixo, sexo, susto, medo, morte, riso, nojo, tusa, corpo e uma data de outras palavras com duas sílabas vêm à mente... O Natxo estava a esboçar uma pergunta sobre a relação de tudo isto com a ZDB quando alguém no escritório notou que, fosse qual fosse a relação, fazer uma exposição com a Liz tinha, pelo menos, a virtude de mitigar o *natxismo* vigente – genial neologismo que sinaliza a já célebre, digamos, *falta de ligação* do Natxo com o trabalho de artistas mulheres, fenómeno que lhe tem valido provocações e alfinetadas por parte de variadíssimas pessoas e instâncias, a mais eficiente das quais tem sido mesmo o destino, que resolveu abençoá-lo, até ver, com três filhas mulheres... Pelo meu lado, apressei-me a relativizar o peso dessa questão. Nunca me pareceu que a Liz quisesse que o seu trabalho fosse defendido nesses termos. Embora o universo feminino tenha um papel determinante na construção da sua obra, ele não aparece instrumentalizado como meio para um fim que se encontre fora da troca intersubjectiva que é a matéria da experiência artística. A sua militância é de outra ordem. E se é um facto que se pode ver as suas marionetas – como o fez recentemente Louisa Elderton, na revista *Frieze* – como um comentário à progressiva redução do papel da mulher na sociedade a um mero adereço manipulável; se é possível encarar o recurso que a artista faz a técnicas associadas com os labores femininos como um apelo a uma valorização desta tradição no contexto artístico; enfim, se um super-pénis pode ser entendido como uma alusão ao falocentrismo ainda dominante, também é possível que tudo isto sejam emanações muito menos calculadas, muito mais genuínas e directas, de um universo que pura e simplesmente não pede licença para cruzar a fronteira para o lado da excentricidade, para o lado do delírio, do objecto e da provocação e para os exercer, com toda a liberdade, do lado de dentro das Messeplatz desta vida.

Entrada

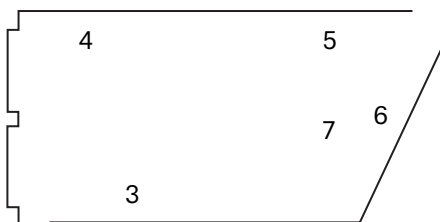
Stalactites Left, 2018
Cerâmica e alumínio



Sala 1

1 – *Mushroom Field (Yellow)*, 2018
Azulejo

2 – *Between You & Me*, 2018
Alumínio e corrente de aço



Sala 2

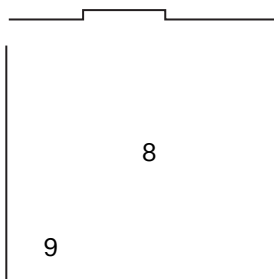
3 – *Merrie Olde England*, 2017
Cerâmica e alumínio

4 – *Mushroom Bubble (Dark Green)*, 2016
Cerâmica, argamassa, alumínio e madeira

5 – *To Live and Die in LA*, 2018
Papel-maché, detritos, alumínio e madeira

6 – *Lavendula*, 2016
Cerâmica e alumínio

7 – *Spider Woman (Comics)*, 2015
Papel-maché, roupas, fio de lã e madeira



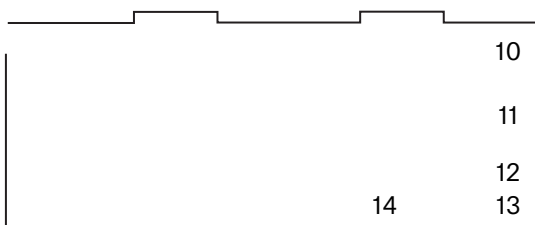
Sala 3

8 – *Querelle*, 2016

Bronze e rede

9 – *Word Bubble (Speckled Web)*, 2016

Cerâmica e alumínio



Sala 4

10 – *Suck it Hippie*, 2015

Cerâmica e alumínio

11 – *Wall Spider*, 2015

Ferro e plástico

12 – *Norwegian Wood*, 2018

Papel-maché, detritos, alumínio e madeira

13 – *Subway Creature*, 2018

Azulejo, ferro, alumínio e madeira

14 – *Hungry Hippo*, 2015

Cerâmica e alumínio

Escada 1º-2º andar

Baby I, II e III, 2018

Caixas eléctricas, latão,
epóxi, resina e esmalte

Liz Craft (n. 1970, Los Angeles, Califórnia) vive entre Los Angeles e Nova Iorque. É licenciada em Artes pela Otis Parsons (Los Angeles) desde 1994 e, em 1997, obteve o grau de Mestre em Belas-Artes pela Universidade da Califórnia (UCLA — Los Angeles). Expôs individualmente pela primeira vez no ano de 1998, na Richard Telles Fine Art, em Los Angeles, e tem exposto internacionalmente desde então, quer individual, quer coletivamente. Em 2004, Craft participou na Bienal Whitney, onde apresentou a instalação *The Spare* (2004) no âmbito do Public Art Fund. Em 2012, fundou, juntamente com Pentti Makkonen, a Paradise Garage – um espaço independente e sem fins lucrativos dedicado à apresentação de projectos e exposições de arte contemporânea localizado na garagem da sua casa em Venice (Califórnia).

A ZDB agradece a

Neue Alte Brücke (Frankfurt)
Truth and Consequences (Genebra)
Jenny's (Los Angeles)

Arquitetura de exposição e montagem

Antonin Blanchard
Carlos Gaspar
Joana Leão
Natxo Checa
Pedro Henriques
Tiago Baptista
Tomé Coelho
Vasil Skumysh
Vitali Tkachuk
Sasha Rozhko

Manutenção

Maria Emília
Sambú Cassamá

Folha de sala

Design de Sílvia Prudêncio
Texto de Bruno Marchand
Revisão de Joana Leão

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca 59, 1200-047
Tel: 213 430 205
www.zedodosbois.org

**De 20 de Outubro de 2018
a 12 de Janeiro de 2019**